

# Maior vigília sobre as contas públicas

A recomendação de prudência feita pelo ministro da Economia, Pedro Malan, em relação à safra de boas notícias que a equipe econômica vem colhendo nos últimos dias, constitui um sensato convite à concentração de esforços sobre os problemas de ordem estrutural que devem ser atacados para que a economia reencontre seu ponto de equilíbrio.

Mesmo sem perder o foco dos principais nós que precisam ser deslindados, não é possível ignorar os progressos até aqui registrados, especialmente pela relativa velocidade com que foram obtidos.

O principal indicador, nesse sentido, recai sobre o comportamento do real em relação ao dólar, cujo descompasso, deflagrado pela liberação do câmbio no início do ano, provocou os períodos de turbulência que a economia atravessou especialmente nos dois primeiros meses do ano.

Sintoma positivo, a cotação do dólar em relação ao real vem arrefecendo — acumulava queda mensal de 16,07% até ontem —, obrigando mesmo o Banco Central a entrar no mercado para comprar a moeda estrangeira, evitando, assim, indesejáveis volatilidades do mercado.

Novos sinais alentadores foram divulgados pelo chefe do Departamento Econômico do Banco Central (Depec), Altamir Lopes, nesta segunda-feira. O mais vistoso dos resultados apresentados, sem dúvida, refere-se à redução do déficit em conta corrente — que inclui balança comercial, serviços e transferências unilaterais — para o mais baixo ní-

vel registrado desde maio de 1996. O resultado medido em fevereiro, de US\$ 924 milhões, é significativamente menor em comparação àquele medido em janeiro, que somou US\$ 2.547 bilhões.

Chama a atenção também o desempenho do balanço de pagamentos, que saltou de um déficit de US\$ 8,328 bilhões em janeiro para um saldo negativo de US\$ 469 milhões em fevereiro.

## **Desempenho das contas externas acabou refletindo os efeitos da desvalorização do real**

de US\$ 219 milhões em fevereiro.

A redução do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), de 2% para 0,5% sobre investimentos externos, também surtiu efeito. Dados preliminares do Banco Central indicam que só em investimentos (incluídos aqueles em portfólio) o País já recebeu liquidamente, neste mês, cerca de US\$ 2,88 bilhões.

E os investimentos diretos, ainda de acordo com o balanço do Banco Central, somavam US\$ 7 bilhões até o dia 29 deste mês. Um bom resultado, se comparado ao de janeiro, quando as perdas ultrapassaram US\$ 5,7 bilhões.

Em que pesem esses sinais promissores, o desempenho até aqui registrado não pode em hi-

pótese alguma ser encarado como uma vitória. E há motivos de sobra para que o estado de vigília não seja relaxado.

Em primeiro lugar, porque os resultados positivos divulgados pelo Banco Central são reflexo direto da desvalorização do real, sendo que houve significativo ingresso de investimentos antecipados relacionados a privatizações já efetivadas.

Paralelamente, o Banco Central divulgou o total de reservas que queimou na vã tentativa de defender o real no início do ano. As perdas do BC no mercado futuro de dólar, registradas nos meses de janeiro e fevereiro deste ano, somaram o equivalente a R\$ 7,6 bilhões.

Finalmente, é de se registrar o desconfortável fenômeno que ocorre no campo das exportações: a despeito da desvalorização da moeda, que confere maior competitividade às vendas externas, os embarques brasileiros no primeiro bimestre do ano registraram uma queda de aproximadamente US\$ 450 milhões em relação ao mesmo período do ano passado.

O resultado favorável da balança comercial expreme, na verdade, a violenta queda das importações no período, que recuaram cerca de US\$ 1,4 bilhão nos primeiros dois meses do ano em comparação ao primeiro bimestre de 1997.

A leitura desse quadro é uma só: o momento não comporta relaxamento de espécie alguma, não apenas no permanente combate à inflação, mas principalmente no reequilíbrio das contas públicas. ■